

RENATO RUSSO

só por
hoje
e para
sempre

Δ C ♥ ∞

DIÁRIO DO RECOMEÇO

Copyright © 2015 by Legião Urbana Produções Artísticas Ltda.

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

PROJETO GRÁFICO, CAPA E IMAGEM DA CAPA

Elisa von Randon

IMAGEM DE QUARTA CAPA

Ricardo Junqueira/ Acervo Legião Urbana Produções Artísticas

REPRODUÇÃO DAS IMAGENS

Jaime Acioli

ORGANIZAÇÃO E NOTAS

Leonardo Lichote

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

REVISÃO

Huendel Viana

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Russo, Renato, 1960-1996.

Só por hoje e para sempre : Diário do recomeço / Renato Russo; [organização e notas Leonardo Lichote]. — 1^a ed.
— São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2609-5

1. Legião Urbana (Banda) 2. Músicos – Brasil – Diários
3. Russo, Renato, 1960-1996 – Anotações, rascunhos etc.
4. Russo, Renato, 1960-1996 – Diários. I. Lichote, Leonardo.
II. Título.

15-04551

CDD-780.920981

Índice para catálogo sistemático:

1. Músicos brasileiros: Diários 780.920981

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Eu sou a Morte, eu
sou o seu Eu Maligno,
eu sou o que você
quis, por não ver mais
a Luz e a Verdade.
Mas você finalmente
provou ser mais forte –
nunca atingi seu trabalho,
sua criatividade ou
seu amor pelos sens.

Olá, Renato.

Estou lhe escrevendo para me despedir. Sei que não sou mais bem-vindo e consigo ver por quê. No começo nos divertíamos muito e você até deixou que eu tomasse seu lugar, eu acreditei que seria para sempre. Tendo sua permissão, aproveitei para fazer tudo que eu mais queria: usar seu corpo, mente e espírito para viver, forçando-o a necessitar de mim, a querer cada vez mais se anular e deixar que eu o controlasse, o levando à dor, ao sofrimento, à solidão e à destruição total do seu espírito. Esse é o meu jogo, eu sou o seu lado ruim, a semente do mal e da doença que você carrega. Você não sabia disso e me aproveitei. Mesmo quando você queria me esquecer e pedir ajuda, eu me esforçava de todas as maneiras possíveis (e sou realmente muito ardiloso e sedutor, quase tanto quanto você) para ter de novo sua vida. Eu sou a Morte, eu sou o seu Eu maligno, eu sou o que você quis, por não ver mais a Luz e a Verdade. Mas você finalmente provou ser mais forte — nunca atingi seu trabalho, sua criatividade ou seu amor pelos seus. No final de nosso relacionamento, tinha quase certeza de que eu seria o vencedor, mas não consegui conquistar sua Alma. Seu Poder Superior é muito forte e acho que você deve seguir seu caminho. Estarei adormecido, e digo isso porque sei que disso você sabe. Você me controla agora e não tenho mais espaço para respirar. Você sabe que vou tentar voltar. Mas reconheço minha derrota. Cuidado comigo,

Seu medo

XXX.

TELEGRAMA

DE JUNIOR PARA RENATO.

Que bom que aquele monstro foi embora. Vamos ser felizes de novo? É o que mais quero! Um grande beijo, Jr.

FAX ESPECIAL

DE RENATO PARA JUNIOR, EM MÃOS.

Que bom que você está comigo novamente! Nem tenho palavras para lhe dizer como sinto ter machucado seu coração, durante tanto tempo. Aprendi muitas coisas novas que sei que você vai adorar — é tudo aquilo que você me dizia, antes que me deixasse perder no mundo; que saudade tenho dos nossos dias juntos. Era tudo tão simples! Agora eu cresci um pouco e tenho responsabilidades de adulto. São problemas e dificuldades também, mas é como você sempre me disse: existe tanta coisa boa na Vida. Espero que você me perdoe, meu pequeno grande amigo! Descobri uma porção de coisas novas e sei que juntos não precisaremos ter medo. Você é minha Luz, eu sou sua Consciência. Juntos sei que vamos conseguir. Só por hoje não vou deixá-lo triste e sozinho como antes. Vamos ser felizes de novo? Um beijo, Renato.

PS: Depois eu explico essa história de “só por hoje”. ² É tão maravilhoso isso, você vai adorar, é a sua cara. Só por hoje e para sempre! Vamos ser felizes de novo!

Sempre seu,

*Renato
Manfre dini
Junior.*

É tão maravilhoso isso,
você vai adorar, é a sua cara.
Só por hoje e para sempre!
Vamos ser felizes de novo!

AUTOAVALIAÇÃO DO PRIMEIRO PASSO (1A)

Impotência (admitimos que éramos impotentes perante o álcool e outras drogas — que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas)

De que forma minha incapacidade de controlar o uso do álcool e outras drogas afetou:

1. MEU TRABALHO

Por volta de 1984, antes de lançarmos nosso primeiro disco,³ estávamos em São Paulo para uma apresentação no clube Rose Bom Bom (uma casa new wave da moda na época, com capacidade para um público de trezentas pessoas) e subi bêbado ao palco, o que atrapalhou minha dicção e deixou os outros membros da banda muito chateados (exceto o baixista,⁴ que também estava mais para lá do que para cá). O público não notou nada, porque nossa música na época era muito barulhenta e todos acharam que minha performance era parte do show. Não era, eles adoraram de qualquer jeito, mas fiquei muito descontrolado e (como sempre) sozinho depois do show porque ninguém queria falar comigo (acharam que tinha sido um desastre). Eu bebi mais (é claro) eachei, com arrogância, que isso era um comportamento tipicamente rock 'n' roll, quando na verdade era antiprofissionalismo mesmo.

Nossa pior apresentação deve ter sido em Angra dos Reis, em 1985, quando, além de beber, usei cocaína. Era um festival com várias bandas, pessimamente organizado. Não houve passagem de som e as guitarras estavam desafinadas e eu desafinei o tempo todo (logo eu, eleito o melhor cantor de rock pela revista Bizz e JB por seis anos seguidos). Se estivesse sóbrio, teria controle sobre a situação, em vez de insistir que o erro não era só meu (o que de

fato não era, mas, sendo o líder da banda, a responsabilidade foi minha). Por acaso nosso técnico de som gravou a apresentação e fiquei a noite inteira ouvindo aquilo, muito, mas muito chateado e frustrado. Me senti um perfeito idiota e prometi q. isso nunca mais iria acontecer. Me senti **MUITO MAL** depois, emocionalmente.

Até que em 1988 (eu acho) veio o pior incidente: tivemos que CANCELAR um show após a terceira música porque, além de não ter descansado, não me alimentei o suficiente e na noite anterior fiz uso abusivo de álcool (e vários outros químicos), o que minou meu stamina, e entrei em pânico completo ao subir no palco e verificar que estava passando mal e sem voz. Isso se deu em Patos de Minas. Fizemos o show no dia seguinte, mas aí o público já havia destruído parte do ginásio e haveria notas em todos os jornais sobre o “incidente”. O show foi espetacular, mas, de acordo com o médico que me atendeu, minha pressão estivera tão alta que eu poderia ter morrido ali mesmo, de um enfarte ou coisa parecida. Legal, né? Tive muito medo. Muito. E depois disso nunca mais deixei essa situação se repetir por minha causa.

2. MINHA SAÚDE

Quase o.d'd* três vezes (uma vez no Rio, em casa, após uso intenso de cocaína e álcool e novamente sem me alimentar, só na base do iogurte — outra no Rio também, e dessa vez tive que pedir para chamarem um médico em casa — e a pior de todas em Brasília, onde estava com um parente meu e fui parar no hospital já quase morto eu acho, em pânico, com taquicardia etc.).** Parei então de usar cocaína e concentrei-me no álcool, o que deve ter me levado a uma reação alérgica tão forte toda vez que bebia **UM**

* Morri overdosed.

** Após três dias de uso contínuo de cocaína e só. Nada de comida.

gole somente que fiquei abstêmio por mais de dezoito meses. Aí eu só fumava haxixe. Legal, né? Tive uma hepatite B séria (muito séria aliás), certamente ligada às falhas na minha alimentação. Nunca gostei muito de comida por alguma razão e não comia MESMO. Cheguei aos 50 kg (o que para minha altura, 1,76 m, me fazia parecer alguém com anorexia nervosa etc.). Fiz terapia após esse susto da hepatite e fiquei dois anos sem beber (usei haxixe, downers e heroína no intervalo anterior a isso e maconha no final desses dois anos, 1990-92). Tudo isso foi extremamente prejudicial à minha saúde, senti culpa, medo e vergonha, e minha família e amigos ñ sabem como continuei vivo. Legal, né?

3. MINHAS FINANÇAS

Nunca tive problemas com dinheiro — os estou tendo agora. Antes chegava ao absurdo de gastar US\$ 40 000 (quarenta mil dólares) em viagens (como a que fiz para NY e S. Francisco em 89). Com a dose de Black Label a seis dólares (bebia no mínimo dez doses por dia, isso por TRÊS MESES) e a garrafa de Chivas Regal 25 a US\$ 80, dá para imaginar o quanto joguei fora (além de gracinhas do tipo dar notas de cem dólares para mendigos e homeless people etc.). Ganhei muito dinheiro antes do Plano Collor e mais ainda depois, tenho casa própria, carro etc., mas deveria ter muito mais. Não tenho um histórico tão trágico qto. o de muitos dependentes (que perderam TUDO), mas não tenho, no momento, grandes reservas para o futuro e é agora que as coisas estão ficando apertadas, porque meu dinheiro está se acabando e eu me sinto um perfeito imbecil por causa de tudo isso. Poderia ter contribuído p/ ajudar alguma ass. de caridade, ajudar a mim mesmo com terapia (bem antes do que comecei, só em 1990) etc. etc. etc. Poderia ter viajado p/ a Europa (que ainda ñ conheço),

mas certamente morreria de overdose de heroína (minha droga favorita, além do álcool) em Amsterdam ou algum lugar. Me sinto horrível, culpado e, novamente, um perfeito idiota com tudo isso. Legal, né? (Heroína é US\$ 250 o grama.)

4. MINHA REPUTAÇÃO (MORAL, FAMA, COMO AS PESSOAS ME CONSIDERAM):

Me acham louco, é claro. Não só por causa de meu não conformismo (sou considerado polêmico por ter assumido meu homerotismo publicamente em entrevistas e em shows), mas até por referências à minha dependência química (e dependência química em geral) em algumas de nossas canções. Também porque o público em geral parece exigir um comportamento dionisíaco de um artista e a reação nas apresentações ao vivo (principalmente quando danço ou finjo desmaios ou — pasmem — simulo masturbação no palco) é sempre a mesma: “Esse cara deve ser muito louco, meu”. Além do fato de que a maior parte das pessoas acha que só alguém que não é “normal” escreve canções “profundas”, ou com conteúdo poético acima do normal, que tocam a sensibilidade de todos de um jeito especial. Naturalmente, os escândalos, meu comportamento agressivo quando bebo e até aspectos privados de minha dependência chegam ao público (e existem também os boatos — nunca se acerta, mas, como é de praxe nestes casos, chega-se perto da verdade: já estive internado em vários hospícios, meu uso de drogas é homérico — embora não faça apologia das drogas em minhas canções, pelo contrário — e até já “morri” umas duas ou três vezes. Já tive que telefonar e avisar meus familiares que continuava vivo, sim, qdo. uma rádio em SP deu boletins sobre minha suposta “morte” ou desaparecimento). Isso tudo é ótimo em nível de trabalho (publicidade gratuita) mas PÉSSIMO qto. à família, amigos e pessoas sensatas. O comentário

típico é: “Mas logo ele, tão talentoso e inteligente, se destruindo desse jeito...”. Todos parecem saber que tenho problemas, mas a atitude em relação ao artista parece ser: ele/ela é assim mesmo, é o preço da fama (vide Cazuza, Raul Seixas, Rita Lee, John Lennon, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison, Kurt Cobain — sem comparações, é claro). No momento minha reputação é PÉSSIMA, e isso devido a incidentes que realmente aconteceram: problemas com seguranças em shows, violência física e verbal de minha parte, instabilidade emocional, escândalos públicos, e tudo por conta de drogas e álcool. Me sinto envergonhado e confuso por tudo isso e muitas vezes me questionei, por me sentir culpado de não estar sendo um bom exemplo para a juventude. O que eles parecem querer, no entanto, é um “mau” exemplo — um bêbado drogado que por acaso consegue ter a sensibilidade para fazer música que vai direto ao coração de cada um. De dois meses para cá, qdo. cheguei ao “fundo do poço”, a imprensa começou a acompanhar meu caso com o interesse mórbido e sensacionalista próprio dos meios de comunicação de massa, e me dói muito ver meu rosto, nome e vida estampados nos jornais, junto com toda a vergonha e insanidade de meus atos. E tudo tem um fundo de verdade, já que realmente cheguei a perder o controle de minha vida — me sinto péssimo com isso.

5. MINHAS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA E AS PESSOAS EM GERAL

Com minha família nuclear, a pior possível, durante muito tempo. Fui considerado o responsável pelo enfarte de meu pai, mal vejo meus outros familiares,* porque sempre encontro uma desculpa, e, já que sou tímido, sempre bebi em tais encontros para “descontrair” ou mesmo aturar situações entediantes (eu acha-

* E tenho a sorte de ter uma família muito unida, amiga e saudável, até, em suas relações.

va) e me comportava como um idiota depois da sexta dose. Já quebrei coisas, disse o que não devia, agredi pessoas física e verbalmente — sou extremamente venenoso qdo. embriagado, me dizem que fico (sic)⁵ “com os olhos de um demônio”, e agora, o toque final, estou tendo problemas sérios com meus vizinhos (vão chamar a polícia etc., por causa de gritos, barulho, música alta no horário de silêncio), até com os condomínios dos OUTROS prédios da minha rua. É tanta coisa que até a imprensa, agora, a partir do Carnaval, passou a acompanhar meu caso com o interesse mórbido e sensacionalista típico dos meios de comunicação de massa. Perdi uma grande amiga no começo do ano e meus amigos VERDADEIROS se afastam prontamente quando estou em crise, embora muitos se aproveitem disso para fazer festa. Tenho pensado muito sobre isso e acho que são esses falsos “amigos” que devo evitar. O problema maior começou este ano, quando realmente senti já ter “chegado ao fundo do poço”, sentindo angústia, solidão e dor (até física, por vezes).^{*} Tive que trocar meu número de telefone não só por causa de fãs obsessivos como também por causa de más companhias. Por mais paradoxal que possa ser, sempre preferi ser um dependente solitário (evitava cheirar cocaína em grupo, por exemplo, por achar, mesmo completamente fora de mim, as pessoas em geral idiotas e entediantes). Acho que cheguei ao ponto de NÃO TER relações com ninguém, perto da data de minha chegada à Vila Serena. E até hoje me sinto muito mal por causa disso e sinto ter desperdiçado minha vida.

* Quando parei de usar heroína, nunca me senti tão mal, é o pior pesadelo do mundo. E isso aconteceu duas vezes (a segunda foi um verdadeiro horror e sofri muito durante quase quatro dias). Passei mal várias vezes também durante o período de uso. Perdi a conta. Álcool então, nem se fala.

6. MINHA EDUCAÇÃO (ESCOLARIDADE, ESTUDOS, CURSOS, LEITURAS)

Não posso dizer que esse lado foi afetado pela minha dependência, justamente porque me utilizava do álcool para escrever e das drogas em geral para ler, estudar e trabalhar. Talvez devesse estar vivendo em vez de ficar em casa lendo W. H. Auden, por exemplo. Uma coisa sei: por vezes a leitura de jornais me servia como desculpa para minha dependência. Exemplo: “Este mundo está um horror inominável mesmo, então posso muito bem fugir e me entorpecer”. Lembro que o que mais me chocou foi a morte de dois amigos (um eletrocutado e o outro afogado ao tentar salvar seu amigo), de dezenove anos, no show do Midnight Oil no Maracanãzinho, há cerca de um mês. Isso me deprimiu profundamente e me serviu como desculpa para chegar até a 60 mg de Valium* por dia, washed down com vinho, Cointreau e saquê. Também criei um círculo vicioso de ler e procurar ler sobre coisas que me deprimissem ainda mais (embora antes de tudo isso já lesse Rimbaud, Plath, tragédias de Shakespeare e filósofos “pessimistas” como Nietzsche e Kierkegaard). Para mim uma coisa justificava a outra, e me utilizava dessa depressão para escrever e me isolar. Exemplo: “Estes idiotas normais não sabem o quanto trágica é a situação humana, e do planeta, neste fim de século”. Eu não queria mais viver. Só pensava em morrer, e era a sério.**

7. MEU AUTORRESPEITO

Fiquei muito mais violento e prepotente do que já sou, e arrogante; me achava um gênio incompreendido e, ao procurar por amor, comprando sexo, percebo que não tinha autorrespeito algum,

* Vinte mg de Buspar e às vezes 18 a 24 mg de Lexotan.

** Se não tivesse vindo a Vila Serena, provavelmente estaria morto antes de junho. Meu médico me disse isso e ainda tenho uma lesão séria no fígado que, por milagre, é reversível, com tratamento.

chegando, em tempos recentes, até a “brincar” com sadomasoquismo e role-playing. De bicha proustiana passei a bicha pasolínia (à la *Salò ou os 120 dias de Sodoma*), e isso não me ajudou em nada, embora deva admitir que ainda acho que algumas dessas experiências me servirão de alguma coisa, ao completar e continuar minha recuperação. Mas tive crises profundas de solidão, autopiedade (quase uma coisa física, por vezes) e uma saudade intensa do único relacionamento que consegui prolongar por mais de seis meses;* com um rapaz dois anos mais novo que eu, um americano que conheci em San Francisco (USA) e veio morar comigo quando me mudei para meu novo apartamento em 1990, S. O motivo? Minha (nossa) dependência química.** Vejo hoje que nunca tive alguém, o que mais queria e quero em minha vida, talvez (com certeza) por não me respeitar e sempre procurar relacionamentos de dependência (como no livro *Mulheres que amam demais*). E ainda existe muita, muita coisa que não lembro, principalmente de dois meses p/ cá. Sei que, devido à minha personalidade e minha posição, as pessoas exageram seus relatos (principalmente por exemplos que aconteceram nos meus intervalos de abstinência, que foram poucos mas relativamente longos, quando estava sóbrio e lúcido e ouvia o disso me disse sobre o que EU tinha dito, feito etc.),*** mas não posso ter certeza destes últimos meses, porque já estava completamente dependente de Valium, Buspar, Lexotan e álcool (e a maconha ocasional). Pelo menos nunca usei pico, mas isso não significa nada. Como disse, QUE autorrespeito? Minha vida girava em torno da minha depen-

* E que também não deu certo.

** Não sei onde ele está e imagino se ele já não está morto. Não sei. A última vez que nos falamos, ele estava em um hospital, por causa de um acidente de moto, causado por drogas e álcool, é claro.

*** E nada era verdade.

dência, muita culpa e preocupação. Me senti culpado e envergonhado a maioria das vezes.

Love,
Renato



PS: Os “legal, né?” são comentários irônicos, algo para facilitar relembrar todo este pesadelo, e não cinismo barato. C'est tout.